10 mai. 2019

CIDADE COMUM

aprendendo juntos

Jornal compartilhando os aprendizados coletivos do intercâmbio entre movimentos, associações e coletivos de Salvador, professores e estudantes da Universidade Federal da Bahia e da University College London

Perspectivas Futuras

Quem ama o que faz, dá o coração sem medo de sofrer. A gente tem que estar mesmo de mãos dadas, criar células para a gente poder atuar de forma coerente e com cada vez mais força.

– Saramandaia

Não vamos parar por aqui, temos que trilhar outros caminhos para desenvolver muitas ações nas comunidades a partir desse momento que vivenciamos.

– Nordeste de Amaralina

Eu acho que devíamos ter mais campo de colaboração com a universidade, porque esses encontros são muito importantes para a gente dialogar, vendo os pontos positivos e negativos. A gente vai ganhando experiência e aprendendo com as informações que a universidade vai gerando.

– Acervo da Laje

A minha perspectiva é que permaneçam os diálogos - nas várias rodas a gente sugeriu os encaminhamentos. E que a gente permaneça junto com a universidade, mantendo essas mesas de diálogo.

– Guerreira Maria Felipa/ MSTB

Com a universidade se voltando se voltando para esse processo de mobilização, estando mais presente, a gente consegue manter nossas comunidades mobilizadas para qualquer momento, para qualquer problema.

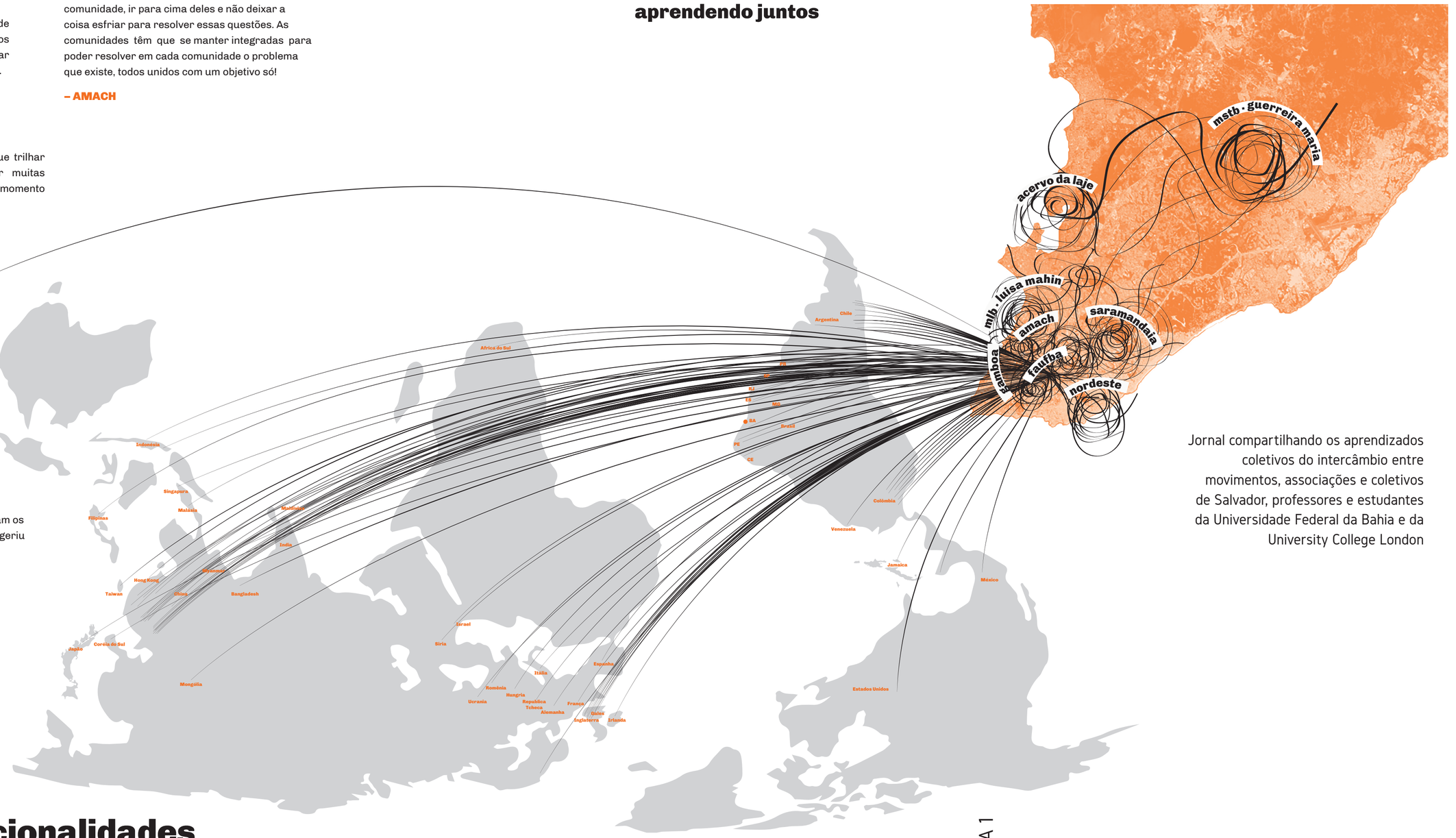
– Gamboa

Os gestores têm que perceber isso - que os movimentos estão articulados com a universidade e que as universidades conseguem dar essa assessoria jurídica, orientação e formação. Assim os gestores vão dar mais atenção quando a gente for solicitar um diálogo.

– MLB

"No momento eu não sinto comprometimento dos representantes do governo. Vai caber a nós, comunidade, ir para cima deles e não deixar a coisa esfriar para resolver essas questões. As comunidades têm que se manter integradas para poder resolver em cada comunidade o problema que existe, todos unidos com um objetivo só!

– AMACH



35 nacionalidades
+ de 200 estudantes
7 coletivos, associações e movimentos sociais

BRASIL ≈ 150
CHINA 27
REINO UNIDO 11
CHILE 9
COLOMBIA 7
INDONESIA 5
MEXICO 4
ALEMANHA 3
INDIA 3
ITALIA 3
JAMAICA 2
ESPANHA 2
SIRIA 2
TAIWAN 2
PERU 2
VENEZUELA 2
ARGENTINA 1
BANGLADESH 1
REPUBLICA TCHECA 1
FRANÇA 1
HONG KONG 1
HUNGRIA 1
IRLANDA 1
ISRAEL 1
COREIA DO SUL 1
MALDIVIA 1
MALASIA 1
MONGOLIA 1
MYANMAR 1
NOVA ZELANDIA 1
FILIPINAS 1
SINGAPURA 1
THAILANDIA 1
UCRANIA 1
ESTADOS UNIDOS 1

Construindo uma cidade plural e democrática

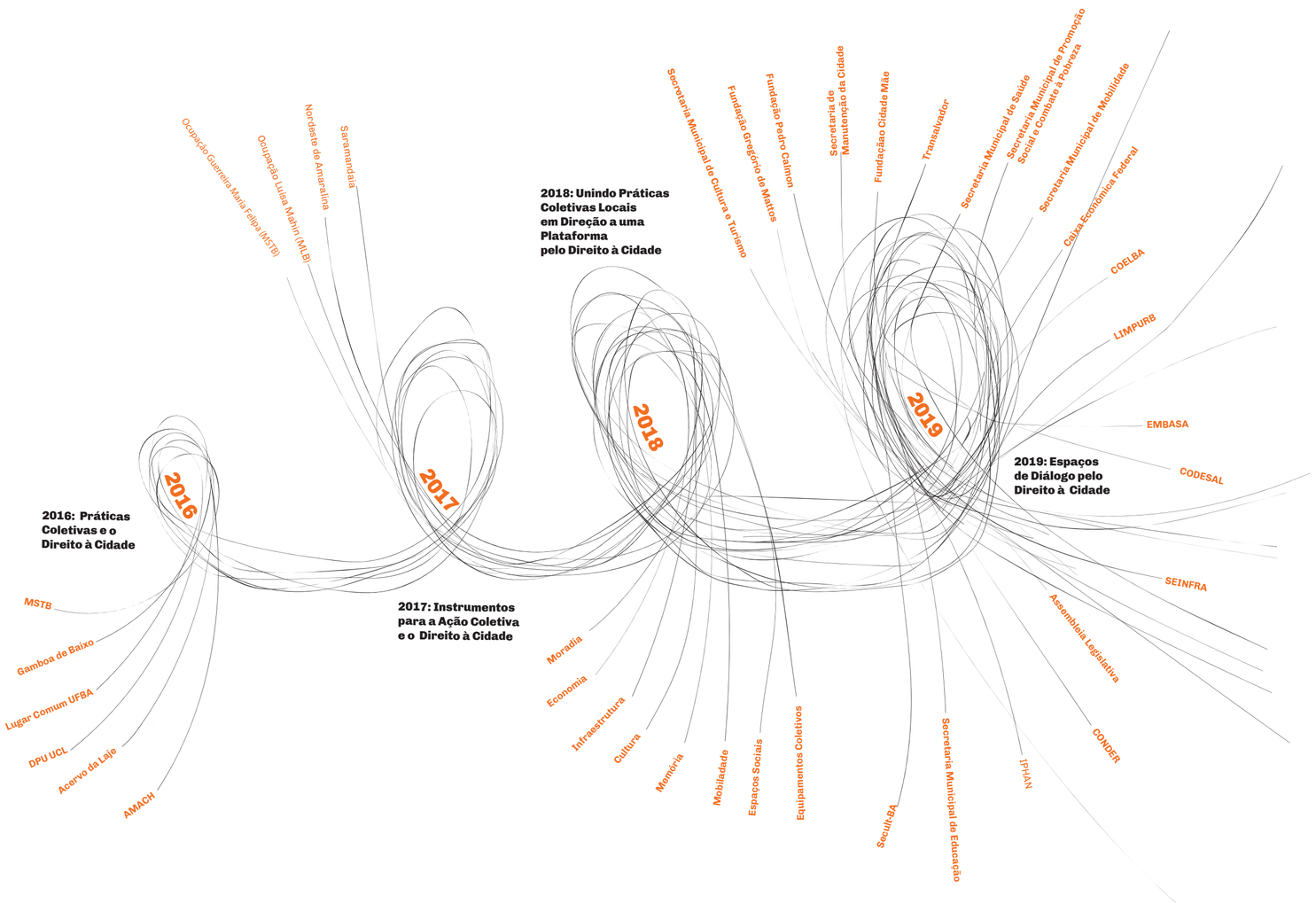
Desde os anos 1960, discussões sobre a cidade ganham protagonismo. Sendo ela um espaço desigual, interesses econômicos e urbanísticos muitas vezes se sobrepõem às demandas e necessidades da maioria dos habitantes. Um clamor por vários direitos, superpostos e imbricados, eclode e persiste: habitação digna e bem localizada, acesso a serviços e a sistemas de mobilidade, liberdade de imaginação, criação e apropriação, participação plena nos processos decisórios.

Essa é a temática que reúne, até o dia 10 de maio, o Grupo de Pesquisa Lugar Comum, da Faculdade de Arquitetura da UFBA, a equipe da The Bartlett Development Planning Unit, University College London, e membros de coletivos e movimentos sociais de Salvador. Em sua quarta edição, o intercâmbio, desde 2016, já mobilizou mais de 200 estudantes e 20 professores, brasileiros e estrangeiros, além de lideranças e moradores de sete comunidades e bairros de Salvador: Centro Histórico/ AMACH, Plataforma/Acervo da Laje, Gamboa/ Associação de Moradores, Ocupação Guerreira Maria Felipa/MSTB, Saramandaia/Arte Consciente, Nordeste de Amaralina/Associação de Moradores, Ocupação Luisa Mahin/MLB. Em Londres, estiveram envolvidos moradores dos bairros Elephant and Castle, King's Cross, Stratford, Deptford, além de movimentos como Just Space, CitizensUK e ativistas sociais.

Atividades e reflexões de cada experiência são registradas anualmente numa publicação bilíngue. Em 2019, a programação incluiu Rodas de Diálogos com agentes públicos e sociais nas comunidades participantes para debater quatro temas elencados como prioritários: moradia e economia popular; permanência digna; gestão democrática de equipamentos sociais e espaços coletivos; acesso a infraestrutura de qualidade; mobilidade urbana inclusiva; e reconhecimento de práticas culturais. Esse jornal sistematiza e compartilha as principais questões abordadas durante as visitas de campo e as rodas de diálogo.

Para além da produção de conhecimento, emerge uma rica interação de experiências da sociedade civil mobilizada tanto em Londres como em Salvador, com suas potências, demandas e saberes localizados. As instituições acadêmicas são confrontadas a compreender e absorver a perspectiva da produção de cidade a partir das comunidades e suas lógicas e táticas cotidianas. A abordagem multidirecional da problemática desafia a lógica do conhecimento técnico positivista como aquele que seria o único capaz de atender às demandas sociais da contemporaneidade urbana. A cidade é uma constituição complexa, de diversos interesses, entendimentos, agenciamentos e direitos, desafiando quem pretende atuar em sua produção.

Essa é uma possibilidade real, crítica e esperançosa de articulações e encaminhamentos na busca pelo Direito à Cidade, no Brasil e no mundo. Que venham novos intercâmbios e trocas de saberes para que a permanente produção de cidade, que nos atinge diariamente, possa se abrir a seu caráter intrínseco: plural e democrático.



Práticas Coletivas

Centro Histórico/ AMACH

A Associação de Moradores e Amigos do Centro Histórico (AMACH) foi criada no começo dos anos 2000, na luta pela garantia do direito à cidade aos moradores do Pelourinho e centrada, sobretudo, no acesso a moradia digna. O Programa de Recuperação do CHS, iniciado em 1991, dividiu a área em sete partes, sendo a 7ª etapa onde a AMACH surgiu e segue resistindo. Diante do impacto sobre a qualidade de vida e as condições de moradia, promovido por este Programa e por outras ações, esses moradores seguem lutando, enfrentando questões sobre o uso do solo e dos espaços públicos, a falta de protagonismo nas decisões políticas que geram impacto na vida de todos, além da constante ameaça de retirada do direito à moradia por parte de projetos urbanísticos, turísticos e comerciais que visam a favorecer classes de renda mais alta. Em 2005, o Ministério Público determinou, em um Termo de Ajuste e Conduta (TAC), o cumprimento de demandas dos moradores, de acordo com necessidades básicas, porém segue parcialmente atendido.

Vendedores Ambulantes

A AMACH apoia os vendedores ambulantes do Centro Histórico, reunidos em torno de uma Associação que busca garantir sua permanência na região. Além de ter negociado barracas permanentes, a AMACH segue lutando para que os vendedores retomem suas atividades nas principais praças turísticas de Salvador.

Habitação

No contexto do Programa de Recuperação promovido pelo estado, a AMACH concentra-se em lutar pela direito à moradia no Centro Histórico de Salvador e em reconhecer a habitação como relacionada à geração de renda. Suas lutas apontam para a falta de moradia (de qualidade), espaço para atividades comerciais e prestação de contas do Estado.

Cozinha Comunitária

Desde 2012, a Cozinha Comunitária da AMACH serve não apenas como geradora de renda para a Associação, mas também como um centro comunitário que mobiliza as pessoas em sua luta pela moradia. Para além de produção e comercialização de alimentos, é um lugar de capacitação para as moradoras administrarem a Cozinha. Mais financiamento e apoio do Estado são necessários.

Plataforma/ Acervo de Laje

Fundado em 2011 por Vilma Santos e José Eduardo Santos, o Acervo da Laje é um museu e um espaço de encontro para estudantes e artistas. Localizado em duas casas no bairro de Plataforma, no Subúrbio Ferroviário, a coleção do Acervo busca preservar e criar a memória produzida no cotidiano da região do subúrbio, reunindo artefatos e peças de arte da região. José Eduardo descreve o Acervo como um espaço dinâmico para cuidar da memória produzida a partir da prática cotidiana e comenta que, quando os visitantes circulam entre as duas casas, "podem experienciar a comunidade não como turistas em um safári, mas sim a partir de uma perspectiva humanizada".

O Acervo da Laje desafia a dicotomia entre centro e periferia, propondo um "deslocamento estético dentro da cidade" que promove visibilidade da produção de artistas locais e oportunidade para que os jovens acessem a arte e a memória produzida dentro e fora do Subúrbio. O Acervo da Laje promove oficinas realizadas por artistas locais para os jovens do bairro e seu entorno. Essas oficinas são tanto uma oportunidade de emprego para artistas, alguns ligados à universidade, que são reconhecidos e valorizados como professores, além de ser uma chance para que os jovens se envolvam com a produção cultural e artística local sem precisar deixar o bairro. Vilma ainda é responsável por atividades regulares de reforço escolar para as crianças.

Dizer "eu vou para a cidade" significa que as pessoas que moram na periferia não se sentem pertencentes à cidade

– José Eduardo Santos (Acervo de Laje)

Ocupa Lajes

O Ocupa Lajes é um projeto que promove uma série de exposições, oficinas e atividades em lajes de casas na comunidade de Plataforma e em outros bairros de Salvador. O Ocupa Lajes foi realizado pela primeira vez em 2016 e proporcionou oportunidade para troca de ideias e práticas artísticas entre comunidades e bairros. A programação do Ocupa Lajes ganhou força em sua segunda edição em 2018, quando o projeto e a ideia se espalharam para outras Lajes e outros bairros de Salvador.

Gamboa/ Associação de Moradores

A Gamboa de Baixo é um bairro localizado na borda da Baía de Todos os Santos, próximo ao Centro Antigo e vizinho ao bairro 2 de Julho, região comercial do centro. A comunidade da Gamboa é composta por aproximadamente 360 famílias com forte histórico de mobilização social. Em estreita relação com seu território a beira mar, a principal atividade econômica da comunidade é a pesca tradicional. No entanto, a maioria das pessoas recebe rendimentos relativamente baixos pela atividade. De uma entrevista realizada em 2017 com 208 moradores da comunidade, metade vivia na Gamboa desde o nascimento, enquanto os outros já haviam se estabelecido no bairro há mais de dez anos. A Gamboa encontra-se em uma posição cada vez mais vulnerável em termos de programas de requalificação urbana, ocupando um faixa litoral agora alinhada com píeres privados e edifícios de alto luxo. Dada a localização privilegiada da área, a ameaça de expulsão é constante.

Bar da Mônica

É um local de lazer e contemplação que atende ao público interno da Gamboa, mas também a outros públicos externos, a exemplo de moradores de Salvador e turistas estrangeiros. Ali são servidos frutos do mar e peixes vendidos pelos pescadores da própria Gamboa, além de bebidas. O bar reverte em geração de renda para as famílias e serve de espaço para atividades comunitárias.

Conserto de Barcos

Na Gamboa, alguns habitantes ainda estão trabalhando numa espécie de estaleiro popular. Os trabalhadores consertam barcos em uma plataforma que costumava ser um espaço de jogos e brincadeiras para as crianças e agora é usado para esta finalidade. O ofício é importante, pois contribui para o reconhecimento da atividade tradicional pesqueira.

Pesca e Mergulho

A pesca é a principal atividade econômica da comunidade, um conhecimento que vem sendo transmitido há gerações. Cada pescador vende sua pesca individualmente, mas a Associação da Gamboa possui um barco e diversos equipamentos de pesca. As mulheres são responsáveis pelo processo de limpeza dos peixes depois que os homens chegam com a produção do dia. A prática do mergulho foi introduzida recentemente para suprir a demanda por peixes.

Práticas Coletivas

Ocupação Guerreira Maria Felipa/MSTB

O Movimento Sem Teto de Bahia(MSTB), nasceu em 2003 da necessidade de organização de mulheres e homens para obterem moradia e outros direitos sociais necessários para uma vida digna. O MSTB ocupa estrategicamente terrenos e edifícios vazios na cidade de Salvador, criando ocupações e chamando a atenção para a necessidade de um desenvolvimento urbano mais equitativo.

Nos últimos anos, o MSTB passou por um processo de redefinição de suas estratégias de mobilização e se concentrou na criação de uma comunidade organizada através da autogestão, em vez seguir realizando ocupações com a finalidade de pressionar o poder público por unidades habitacionais.

Não adotamos a estratégia das Ocupações só por acreditar na autonomia, mas como resposta aos impactos causados pelo Minha Casa Minha Vida

– Wagner Campos (MSTB)

Ocupação Guerreira Maria

A Ocupação Guerreira Maria Felipa está localizada ao norte de Salvador, na divisa com o município de Lauro de Freitas. Os primeiros ocupantes vieram de áreas vizinhas como o Bosque das Bromélias, onde viviam como inquilinos no conjunto habitacional. Viviam em condições precárias, pois os apartamentos não podiam ser alugados e os moradores não tinham permissão para abrir pequenos comércios. Como resposta a isso, um grupo de inquilinos decidiu ocupar um terreno vizinho.

Diferentemente de ocupações anteriores do MSTB, esta foi planejada tendo em vista não apenas a organização das famílias, mas também a divisão do terreno em lotes iguais e adequados a uma futura regularização fundiária. Aprendendo com experiências passadas, o movimento deu ênfase à formação da comunidade e estabeleceu no Casarão - imóvel preexistente no terreno ocupado - um "Espaço de Referência Territorial", local que serve como espaço para atividades e reuniões. A operação e o planejamento coletivos contribuíram para a permanência das famílias, resistindo às ameaças iniciais da polícia.

Com o tempo, os moradores desenvolveram uma cozinha coletiva como parte do espaço de de reunião, onde vendem alimentos, por exemplo, para os funcionários da empresa de limpeza urbana VEGA. Consolidando a Ocupação, construíram suas próprias casas e barracos, estabeleceram acesso a serviços básicos, criaram uma horta comunitária e, utilizando-se de material de construção doado, pavimentaram acessos a áreas comuns e a algumas das casas.

Um representante do MSTB destacou que as práticas autônomas da ocupação são uma resposta à falta de ação do Estado. Além das dificuldades orçamentárias, membros do movimento reconhecem que os conjuntos habitacionais existentes são incapazes de satisfazer as necessidades das pessoas, motivo pelo qual eles criaram sua própria estratégia.

Saramandaia/ Arte Consciente

O bairro de Saramandaia surgiu no começo da década de 1970. A área onde se insere foi valorizada por sua proximidade a locais com oferta de serviços e transporte público. Saramandaia é considerada pelo Plano Diretor como uma Zona Especial de Interesse Social (ZEIS), instrumento que tem como objetivo contribuir com a urbanização do território e evitar a ação do capital imobiliário. O bairro enfrenta muitos desafios sociais, econômicos e ambientais que afetam a vida cotidiana da comunidade. Entre eles estão a infraestrutura precária e a péssima qualidade das escadas de acesso ao bairro. Há uma demanda por cursos de capacitação destinados aos adolescentes e jovens, com foco na geração de trabalho e renda. Além disso, Saramandaia enfrenta problemas com o lixo, devido à falta de cestas nas ruas estreitas da comunidade e à falta de coleta e gestão de resíduos.

Construção da nova praça pública

Saramandaia é um bairro de alta densidade com poucos espaços abertos. A comunidade se engajou na construção de uma cujas obras passaram por atrasos e foram retomadas recentemente. A abertura da praça será uma oportunidade para a comunidade reenergizar o centro cultural com mais atividades coletivas que ajudarão a construir e manter relações na comunidade.

Graffiti

O graffiti é uma prática artística realizada por moradores da comunidade de Saramandaia. Thito Lama, artista que organiza mutirões de graffiti no bairro, acredita que as ruas são sua galeria e procura trazer, através de sua arte, mensagens de paz e resistência.

Arte Consciente

O Arte Consciente é um espaço importante de apoio social para crianças e jovens por meio de atividades como boxe, capoeira, percussão e circo. As práticas culturais são usadas como elemento motivacional para aumentar a frequência escolar e oferecer-lhes melhores oportunidades. As atividades serviram para reconhecer Saramandaia como bairro cultural, para além do estigma de ser uma comunidade carente.

Nordeste de Amaralina/ Associação de Moradores

Nordeste de Amaralina é um bairro vibrante e bem localizado, lugar onde se formulou uma primeira versão do instrumento conhecido como ZEIS (Zonas Especiais de Interesse Social). Encontra-se na parte sul de Salvador, entre a Orla Atlântica e o Parque da Cidade, cercada por bairros de alta renda. O bairro é composto por quatro comunidades - Chapada, Nordeste, Santa Cruz e Vale das Pedrinhas - totalizando 78.128 pessoas (IBGE, 2010). Tem uma população jovem, com 38,4% dos habitantes com menos de 24 anos. Embora persistam estigmas em torno da violência

E se o governo fizesse sua parte, a comunidade não precisaria de parcerias.

– Dona Helena Ramos (Nordeste)

no Nordeste, a comunidade criou ou participa da manutenção, de forma coletiva, de espaços sociais como a biblioteca comunitária e a Escola Municipal Santo André. Estas ações contribuem com a capacitação profissional e com a realização de práticas culturais como balé e capoeira. O Nordeste conta também com outros projetos culturais e esportivos e com rádios comunitárias que divulgam notícias e eventos da comunidade e atuam como um espaço de diálogo.

Associação de Moradores da Nova República

A Nova República é uma associação de bairro e espaço coletivo que realiza workshops sobre talentos e capacitação. Eles também têm uma biblioteca pública que oferece um espaço para aprendizado seguro.

Cooperativa de Reciclagem

Formada por ex-catadores de lixo em 2006, a Cooperativa de Reciclagem, coleta todos os tipos de materiais, exceto vidro. Em parceria com a Petrobrás, a cooperativa coleta óleos usados para transformar em biodiesel.

O projeto Mané Cidadão

O projeto foi idealizado por Mané, um empresário do ramo de açougues. Comovido pela situação da comunidade montou um projeto de futebol que auxilia as práticas de esporte, responsabilidade e compromisso dos jovens. O projeto atende atualmente 140 jovens.

Multicentro Vale das Pedrinhas e Escola Santo André Ambos equipamentos possuem grande reputação no NE de Amaralina, oferecendo serviços de saúde e educação pública gratuitos para a população do bairro e do entorno. O centro de saúde atende a 500 pacientes por dia com diversas especialidades médicas. Já a escola municipal, é usado também para apoiar outras atividades na comunidade.

Empreendedores locais

Empresas locais emergiram nos últimos anos do Nordeste, incluindo empresas de paisagismo e supermercados. As parcerias existentes trouxeram oficinas para a comunidade, mas não o envolvimento a longo prazo. No entanto, eles têm o potencial de incluir mais pessoas no mercado de trabalho e remover o estigma da violência.

Minha Mãe não dorme enquanto eu não chegar

O Projeto Social "Minha Mãe não dorme enquanto eu não chegar", desenvolvido pelo Instituto Odara em parceria com a Associação de Moradores da Nova República desenvolve o atendimento psicossocial de mulheres vítimas da violência do Estado e do tráfico de drogas.

Ocupação Luísa Mahin/MLB

O Movimento de Luta nos Bairros Vilas e Favelas (MLB) foi criado em 1999, com o objetivo de mobilizar a classe trabalhadora para construir uma sociedade diferente, inspirada em princípios de igualdade, dignidade e direitos para todos. No dia 22 de setembro de 2016, cerca de 27 famílias organizadas em torno do MLB ocuparam um imóvel vazio, abandonado há anos pelo Governo do Estado da Bahia. O edifício localizado na Rua Conde D'eu, no bairro do Comércio, foi transformado na Ocupação Luísa Mahin e serviu não apenas para fins habitacionais, mas também como um espaço de resistência, construindo laços de confiança, companheirismo e cuidado entre os moradores.

Em 22 de setembro de 2018, após longas negociações, as famílias da Ocupação Luísa Mahin deixaram o prédio pacificamente sob a promessa de que no início de 2019 teriam acesso à moradia digna através do programa Minha Casa Minha Vida. Enquanto isso não ocorresse, as famílias passariam a receber um apoio financeiro para habitação social. Até o momento da publicação deste jornal, as famílias que moravam na Ocupação Luísa Mahin não

tinham confirmação de quando suas casas estariam. Além disso, o apoio financeiro que recebem não é suficiente para proporcionar moradia adequada, tampouco para a manutenção de serviços básicos necessários para a permanência em um local.

Escola Popular Carlos Marighella

Ao ter acesso a um lugar comum, de maneira autônoma, os moradores da ocupação Luísa Mahin prestaram serviços para atender às suas necessidades, proporcionando uma função social a esse espaço. Um exemplo de tais práticas foi a Escola Popular Carlos Marighella, localizada no 1º andar do prédio. A escola contribuiu para atender a algumas das necessidades educacionais e culturais da comunidade, sem nenhum custo para os moradores. Isso só foi possível graças ao esforço de muitos professores e monitores voluntários.

Algumas das atividades realizadas na escola incluem cursos preparatórios pré-universitários, alfabetização de adultos, capoeira infantil, grupo popular de estudos sobre o direito à cidade, clube de cinema, clube de leitura e debate, seminários sobre a realidade brasileira, oficinas de fotografia e aulas de violão e dança.

Rodas de Diálogo

MORADIA E ECONOMIA POPULAR

A primeira Roda de Diálogo, com o tema "Moradia e Economia Popular", foi realizada no Centro de Cultura da Câmara Municipal de Salvador no dia 6 de maio. O evento foi coordenado por lideranças e representantes dos territórios do Centro Antigo, Bosque das Bromélias, Nova República (Nordeste de Amaralina) e Saramandaia, estando presentes convidados institucionais da Caixa Econômica e da Secretaria Municipal de Promoção Social e Combate à Pobreza.

As lideranças apresentaram suas demandas e relatos de experiências, buscando a construção de políticas integradas de moradia e geração de emprego e renda junto ao poder público. Discutiram sobre como efetivar a destinação de pontos comerciais e de prestação de serviços em programas de Habitação de Interesse Social, dando evidência ao não cumprimento de acordos públicos, assim como à falta de apoio e de transparência do governo. Os programas habitacionais foram criticados por não contemplarem a inserção de atividades de geração de renda (seja na própria residência ou em espaços coletivos), por reproduzirem o modelo de "bairro dormitório" e pela ausência de ações de capacitação que dêem suporte às atividades. Com relatos dos enfrentamentos e experiências comunitárias tanto em áreas centrais como periféricas da cidade, cobrou-se a criação de mais oportunidades de emprego, valorizando as práticas existentes e a capacidade de organização das comunidades. Por fim, as lideranças demandaram incentivo à formação profissional, visando ao reconhecimento e apoio às experiências que são desenvolvidas pelas comunidades, e enfatizando a necessidade de se dar atenção e mais oportunidades à população jovem.

Ao final do encontro os participantes comprometeram-se a continuar o diálogo para a promoção da capacitação profissional e da melhoria das condições físico-espaciais das atividades econômicas autônomas existentes, tais como a venda de pescado na Gamboa de Baixo, a feira livre do Nordeste de Amaralina, os vendedores ambulantes do Centro Antigo e as atividades comerciais das Bromélias. Dentre os próximos passos, destacam-se a busca pela garantia do uso misto, associando residência a comércio e serviços nos programas habitacionais, a qualificação e capacitação de mão de obra local para a construção civil, assim como a reestruturação dos equipamentos sociais existentes nos territórios.

Morar é muito bom, mas ter a sua renda é importante [...] Queremos garantir também a dignidade de exercer uma atividade, uma profissão – o direito de viver dentro do Centro Histórico.

– Jecilda Mello (AMACH)

MORADIA E PERMANÊNCIA DIGNA

A Roda de Diálogo 2: "Moradia e Permanência Digna" aconteceu no dia 6 de maio de 2019 na Gamboa de Baixo, Salvador. O foco principal foi a garantia do direito à moradia permanente e digna, atrelada aos processos participativos com protagonismo popular.

Na presença de representantes públicos da CONDER, SEINFRA e Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, lideranças comunitárias da Gamboa de Baixo, AMACH, Nordeste de Amaralina, MLB e MSTB apresentaram suas demandas. Primeiramente, reivindicou-se a necessidade de o Estado prover a permanência dos moradores nos territórios populares, a partir da regularização fundiária e urbanística, de acordo com a realidade de cada localidade e movimento social. A segunda reivindicação foi voltada para a garantia da dignidade dos moradores em processos de regularização urbana, reconhecendo diferentes práticas culturais e parâmetros urbanísticos. Por fim, foi reivindicada maior participação e transparência nos processos de regularização urbana.

No intuito de promover intersetorialidade e participação, SEINFRA e CONDER comprometeram-se em criar um Fórum, envolvendo os moradores, Fundação Mario Leal Ferreira e Secretaria do Patrimônio da União para avançar em estratégias para regularização dos cinco territórios envolvidos, sendo destacada a regulamentação da ZEIS-5 da Gamboa e a regularização fundiária em

Por que não podemos morar no Centro Histórico de Salvador? Por causa do valor econômico do metro quadrado de terra!

- Marcos Antônio Ribeiro (MLB)

favor dos moradores da 7ª Etapa do Centro Histórico. A SEINFRA informou sobre ampliação do escopo do Programa Morar Melhor para o segundo semestre de 2019, comprometendo-se em verificar a possibilidade de retomar as atividades do programa, ainda nesse semestre, no Nordeste de Amaralina. A representante da ALBA comprometeu-se em contribuir para retomar o diálogo sobre o TAC firmado entre AMACH e CONDER. Finalmente, atentos à demanda de provisão de moradia, especialmente apontadas pelo MLB, em função do despejo da ocupação Luísa Mahin e da insegurança de posse na Ocupação Guerreira Maria Felipa, houve o compromisso de representantes da ALBA e da CONDER em retomar e ampliar a discussão sobre a reabilitação de imóveis públicos ociosos no Centro da cidade de Salvador para Habitação de Interesse Social e dos demais órgãos públicos presentes para pensar soluções para garantir a segurança da posse na Ocupação do MSTB.

CULTURA E MEMÓRIA

A Roda de Diálogo Cultura e Memória aconteceu dia 7 de maio de 2019, no Acervo da Laje, com a participação de representantes dos coletivos Associação Amigos de Gegê dos Moradores da Gamboa de Baixo, Ana Cristina da Silva Caminha, Associação Nova República (Nordeste de Amaralina), Roque José dos Santos Oliveira, Acervo da Laje (Plataforma), José Eduardo Ferreira Santos, e Arte Consciente (Saramandaia), Alex Sandro (Leco). Entre os representantes das instituições culturais, Edwin Silva das Neves, gerente de Patrimônio Cultural da Fundação Gregório de Mattos, Prefeitura Municipal de Salvador, e Zulu Araújo, diretor da Fundação Pedro Calmon, Governo do Estado da Bahia.

A Roda de Diálogo se constituiu num fórum, para que os coletivos apresentassem aos gestores públicos quatro reivindicações relacionadas a área cultural, identificadas como comuns a todos os movimentos e ocupações urbanas. Embora as demandas sejam semelhantes, elas são vivenciadas de forma diferente pelas comunidades.

Ana Caminha abriu o evento, agradecendo a oportunidade de se reunir com representantes das instituições culturais. Ela mencionou que "este é um momento importante para criar um diálogo, para que nossas reivindicações sejam ouvidas". Ela sinalizou que a cultura da pesca na Gamboa, assim como outras atividades empreendidas pelos coletivos, têm potencial turístico. José Eduardo foi o segundo a se manifestar, destacando a necessidade de "deslocar" a cultura, do "centro" para a periferia, enfatizando a relevância de descentralizar o acesso a fundos e recursos. Leco compartilhou suas dificuldades de submeter projetos a financiamento público, da burocracia da documentação exigida, das taxas cobradas para emissão de documentos e da ausência de uma equipe interna de trabalho. Gestores do município e do estado relataram suas dificuldades e os desafios de atuação, devido a restrição orçamentária e a falta de coordenação interna entre os atores da esfera governamental.

Os participantes assinaram uma Carta Compromisso, onde se comprometem a reunir esforços para trabalhar em torno dos quatro principais temas propostos: inclusão dos principais eventos culturais dos movimentos e ocupações urbanas na programação cultural oficial da cidade, apoio às atividades autônomas de turismo gerenciadas pelos coletivos, priorização dos projetos culturais periféricos e assistência técnica para a submissão de projetos aos editais públicos.

ARTICULAÇÃO PARA GESTÃO DEMOCRÁTICA DE EQUIPAMENTOS SOCIAIS E ESPAÇOS COLETIVOS

A roda foi proposta com a intenção de se construir um espaço de diálogo entre as comunidades e o poder público, a fim de discutir uma articulação para a gestão democrática de equipamentos sociais e espaços coletivos. A partir de provocações sobre necessidade de transparência e participação popular nas definições das políticas e do orçamento de planejamento urbano, foram apresentadas, por um lado, demandas específicas trazidas pelas lideranças comunitárias e, por outro, as dimensões do funcionamento e atribuições dos órgãos públicos, expostas por seus representantes.

Saúde: Considerando a necessidade de equipamentos públicos de qualidade nos bairros populares e de participação nos processos de decisão, foi discutida a gestão dos serviços públicos de saúde. O argumento da "violência presente no NE de Amaralina" apareceu como justificativa do poder público para não atender a algumas dessas demandas. Contudo, foi esclarecida a permanência do Multicentro de Santa Cruz e prometeu-se a realocação do CRAS - Nordeste para um novo edifício. Já a reposição de funcionários na UBS Santa Cruz permaneceu sem resposta.

Educação: A AMACH lembrou que os equipamentos sociais não foram previstos na elaboração do Projeto da 7a. Etapa. A política autoritária de então foi contraposta pela assinatura de um TAC, ainda não cumprido após 20 anos. Segundo as lideranças, o problema estaria vinculado ao desinteresse e ao desbloqueio de recursos. A CONDER, órgão responsável pelo projeto, informou sobre as alterações atuais na estrutura institucional, o que estaria dificultando as ações do órgão.

Ao citar o fechamento de um importante centro de formação no bairro de Saramandaia, ressaltou-se a de serem criadas alternativas educacionais extracurriculares para crianças e jovens de bairros populares. A exitosa experiência de projetos da Fundação Cidade Mãe também foi ressaltada, embora a instituição passe por diversas dificuldades.

Práticas autônomas: Refletindo sobre a importância dos equipamentos sociais para uma vida digna, o MLB problematizou a quantidade de imóveis vazios no Centro de Salvador, sem qualquer destinação social. Ao mesmo tempo, afirmou-se a capacidade de gestão autônoma de equipamentos, desde que com apoio do poder público.

Patrimônio: A falta de diálogo com a população diretamente atingida pelo projeto proposto para o Forte da Gamboa levou à mobilização dos moradores. O IPHAN relatou a dificuldade de se estabelecerem ações práticas de diálogo no âmbito da instituição, devido à mudança conceitual de Patrimônio Histórico para Patrimônio Cultural, o qual orientava as políticas do órgão. Reconheceu a inadequação do projeto anterior e afirmou estar em estudo um outro projeto desenvolvido por um estudante da FAUFBA em diálogo com a comunidade. No entanto, pontuou a inexistência atual de recursos para isso.

A partir da discussão, foram reforçados o papel importante dos técnicos e a necessária permeabilidade entre a estrutura do estado e os movimentos sociais. Todos os participantes foram unânimes em apostar na continuidade do diálogo.

Nós estamos cansados de conversar, nós precisamos que nossas demandas sejam levadas a sério

- Ana Caminha (Gamboa)

Rodas de Diálogo

MOBILIDADE E ACESSIBILIDADE DEMOCRÁTICAS

Esta fala é de Dona Vilma, moradora do bairro de Plataforma, no Subúrbio Ferroviário de Salvador, mas poderia ser também de Damasceno, Pró Cida, Josevaldo, Luciene e tantas outras pessoas que são afetadas pelo modo com que o poder público age sobre a questão da circulação na cidade. Essa foi uma das pautas de roda de conversa que aconteceu na manhã do dia 8 de maio, na localidade da Santa Cruz, para discutir demandas e encaminhamentos referentes a mobilidade e acessibilidade urbana. O encontro reuniu representantes comunitários do Acervo da Laje (Plataforma / Subúrbio Ferroviário), da Santa Cruz/Nordeste de Amaralina, da Gamboa de Baixo, de Saramandaia, do Centro Histórico de Salvador, instituições responsáveis pelo planejamento e implantação de serviços e infraestrutura relacionados a mobilidade e acessibilidade (TRANSALVADOR, SEMAN, SEDUR-BA, SEMOB e CONDER), além de professores e estudantes universitários (UFBA, UEFS e UCL).

O diálogo trouxe questões relacionadas a quatro eixos construídos previamente com as comunidades, os quais evidenciam barreiras ao direito de ir e vir, como os custos e a qualidade do transporte público municipal, a manutenção e segurança, a acessibilidade e os impactos negativos de grandes empreendimentos realizados, em implantação ou em discussão: Metrô, BRT e VLT. A roda buscou ainda levar ao poder público diversos problemas que afetam diariamente a população, como a falta de iluminação e de sinalização viária, o mau estado de conservação de vias, calçadas e escadarias, a redução significativa do número de ônibus em circulação nos bairros e a falta de segurança no transporte público.

Após escuta e diálogo, chegou-se a alguns encaminhamentos, dentre os quais se destaca a necessidade de aproximar comunidades e poder público para solucionar os problemas evidenciados. Por fim, a roda mostrou que questões sobre mobilidade e acessibilidade abrangem a maior parte da população da cidade de Salvador e reafirmou a urgente necessidade de participação na formulação de políticas públicas e de projetos sobre o tema, para que possamos democratizar o direito de ir e vir nesta cidade.

O trem é como se fosse uma memória, uma história! Tiraram a feira, a fábrica e agora o trem...

– Vilma Santos (Acervo da Laje)

INFRAESTRUTURA: INTEGRAÇÃO E PROMOÇÃO DE JUSTIÇA SOCIAL

Estamos no centro, mas a comunidade não tem acesso a serviços básicos para ter vida normal.

– Ana Caminha (Gamboa)

Esta frase de Ana Caminha, da comunidade da Gamboa de Baixo, explicita questões trazidas em roda de conversa realizada na tarde do dia 8 de maio, na localidade de Saramandaia, sobre problemas de infraestrutura que englobam estes bairros e, ainda, áreas do Centro Histórico de Salvador, do Nordeste de Amaralina e do Bosque das Bromélias. Na ocasião, compuseram também o diálogo representantes institucionais (CODESAL, COELBA, EMBASA e LIMPURB), professores e estudantes universitários (UFBA/ UEFS/UCL).

A discussão foi pautada pelas demandas apresentadas pelas comunidades, as quais podem ser agrupadas em quatro grandes eixos: a) rede inadequada, b) irregularidade na prestação dos serviços, c) falta de participação na construção de políticas públicas e d) ausência de trabalho preventivo.

As inúmeras reivindicações mostraram que muitos dos problemas apresentados afetam várias áreas de Salvador, o que demonstra a necessidade de atuações mais sistêmicas por parte do poder público e de empresas prestadoras de serviços públicos. Embora cada comunidade tivesse especificidades próprias, percebeu-se que algumas questões perpassam todos os territórios, como é o caso de direitos fundamentais relacionados ao saneamento básico.

É preciso ressaltar que a roda de conversa teve entre seus objetivos abrir diálogo com o poder público, bem como extrair encaminhamentos práticos, entre os quais a busca pela efetivação do direito ao acesso à água na Rua da Resistência, na Gamboa; o compromisso da COELBA em adequar o fornecimento de energia elétrica em Saramandaia; a urgência, através da CODESAL, em eliminar risco de deslizamento de encosta, em especial em Santa Cruz/Nordeste de Amaralina; e a implantação ou melhoria de serviço de coleta de resíduos sólidos pela LIMPURB, que perpassa todas as comunidades.

A roda finalizou ressaltando que aquele era um espaço de diálogo e, também, cobrando das instituições efetivação de canais para ouvir as comunidades, afinal, são elas quem mais conhecem suas realidades e podem indicar caminhos para superar desafios históricos. Talvez assim possamos todos ter uma "vida de qualidade", entendendo que o acesso à infraestrutura básica é premissa para uma vida digna.

Participantes 2019

Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo de UFBA em conjunto com o Master em Práticas de Desenvolvimento Social da The Bartlett The Bartlett Development Planning Unit, University College London (Londres, UK), e membros de movimentos, associações e coletivos de Salvador.

Estudantes:

Alicia Avianto (DPU - Bartlett)
Amanda Silva Carneiro (Lugar Comum - FAUFBA)
Anna Paula Ferraz Dias Vieira (Lugar Comum - FAUFBA)
Bárbara Oliveira (Lugar Comum - FAUFBA)
Bernadete Almeida (Lugar Comum - FAUFBA)
Bhadra Menon (DPU - Bartlett)
Caio Anderson S. Almeida (Lugar Comum - FAUFBA)
Carlos Vizcaino Tesillo (DPU - Bartlett)
Carolina Garcia Valencia (DPU - Bartlett)
Christiane Teixeira Sampaio (Lugar Comum - FAUFBA)
Cole Lautermilch (DPU - Bartlett)
Daniel Rosado Mendez (DPU - Bartlett)
Daniela Maldonado Rojo (DPU - Bartlett)
Delano Silva De Aguiar (DPU - Bartlett)
Elisângela Veiga (Lugar Comum - FAUFBA)
Eliude Moreira Oliveira (Lugar Comum - FAUFBA)
Gabriel Dourado Dias (Lugar Comum - FAUFBA)
Gabriela Pinto de Moura (Lugar Comum - FAUFBA)
Gustavo Sena de Almeida S. (Lugar Comum - FAUFBA)
Herta Gatter (DPU - Bartlett)
Juliana de Faria Linhares (Lugar Comum - FAUFBA)
Karla Bachler Paravic (DPU - Bartlett)
Kênia Veronique Silva Linhas (Lugar Comum - FAUFBA)
Lauren Chew (DPU - Bartlett)
Luciana A. F. SantanaTonini (Lugar Comum - FAUFBA)
Maima Rizqa Syakhroza (DPU - Bartlett)
Marcelo de Troi (Lugar Comum - FAUFBA)
Marcelo Diego (UEFS)
Marcelo Silva (Lugar Comum - FAUFBA)
Maria Torrado Galvanduque (DPU - Bartlett)
Mel Travassos (Lugar Comum - FAUFBA)
Natalia Garzon Laignelet (DPU - Bartlett)
Qi Qi (DPU - Bartlett)
Qichen Zhu (DPU - Bartlett)
Ruiqing Xu (DPU - Bartlett)
Saprit Grana (Lugar Comum - FAUFBA)
Sin Ting Lau (DPU - Bartlett)
Sonia Mascarenhas (DPU - Bartlett)
Tamara Krüger (DPU - Bartlett)
Thayse da Silva Invenção (Lugar Comum - FAUFBA)
Tiago Souza Bastos (Lugar Comum - FAUFBA)
Wenxin Deng (DPU - Bartlett)
Yamana Zeda (DPU - Bartlett)
Yasmina Yusuf (DPU - Bartlett)
Yun-Hsin Sun (DPU - Bartlett)

Representantes dos Movimentos Sociais e coletivos

Alex Sandro Lima "Leco" (Saramandaia)
Ana Caminha (Gamboa)
Cícero Jorge de Araújo Mello (AMACH)
Claudenice Almeida (Gamboa)
Derisva Ido Cardoso *"Neguinho"* (Saramandaia)
Gilmário Pereira (Saramandaia)
Jecilda Maria da Cruz Mello *"Pró Cida"* (AMACH)
Jenilton da Silva Santos (Saramandaia)
José Eduardo Ferreira Santos (Acervo da Laje)
Joseval de Jesus "Tito Lama" (Saramandaia)
Luciene Rosa dos Santos (Gamboa)
Luis Damasceno (Nordeste de Amaralina)
Maísa Pereira de Jesus (Nordeste de Amaralina)
Marcos Antônio Ribeiro (Coordenador do MLB)
Maria Helena Ramos Belos (Nordeste de Amaralina)
Maria Lucianne Lobato Ferreira *"Lôra"* (MSTB)
Roque dos Santos Oliveira *"Seu Roque"* (Nordeste de Amaralina)
Sandra Regina Silva Santos (AMACH)
Vânia Machado Amarante (Gamboa)
Vera Lúcia Machado Teixeira *"Dona Vera"* (Nordeste de Amaralina)
Vilma Soares Ferreira Santos (Acervo da Laje)
Wagner Moreira Campos (MSTB)

Equipe de Professores:

Adriana Lima (UnB / UEFS / Lugar Comum-FAUFBA)
Alexandre Apsan Frediani (DPU - Bartlett)
Aline Barroso (Lugar Comum-FAUFBA)
Ana Fernandes (Lugar Comum - FAUFBA)
Gabriela Leandro Pereira (Lugar Comum-FAUFBA)
Glória Figueiredo (Lugar Comum-FAUFBA)
Ignacia Ossul (DPU - Bartlett)
José Carlos Huapaya (Lugar Comum-FAUFBA)
Leandro Cruz (UnB / Lugar Comum-FAUFBA)
Lucia Caistor (DPU - Bartlett)
Marcos Carvalho (FACOM/ Lugar Comum-FAUFBA)
Mayara Araújo (Lugar Comum-FAUFBA)
Nicola Dillon (DPU - Bartlett)
Sanane Sampaio (USP / Lugar Comum-FAUFBA)
Vanessa Mendes (DPU - Bartlett)

Projeto Gráfico:

Nicola Dillon (DPU - Bartlett) com apoio de Vanessa Mendes (DPU - Bartlett)

Coordenação logística:

Mel Travassos (Lugar Comum - FAUFBA)

Homenagem

Gostaríamos de homenagear pessoas queridas e importantes para a memoria da cidade do Salvador e que nos deixaram recentemente:

Dona Aloina Alves Bahia, que participou do projeto Bordando Sonhos no Acervo da Laje;

José Silva dos Santos, conhecido como Cabeça e pai de José Eduardo, um dos fundadores do Acervo da Laje;

Dona Rosa, moradora do Forte de São Paulo da Gamboa.

"Dizem que o discurso convence, mas o exemplo arrasta!"

– Marcos Antônio Ribeiro (MLB)

Visualizar e baixar publicações produzidas documentando os anos anteriores do projeto